

Recepções da Antiguidade

Entrevista com Anderson Zalewski Vargas

Anderson Zalewski Vargas¹
Katia Maria Paim Pozzer²



Entrevista realizada em Porto Alegre no dia 03 de março de 2019: (esquerda) Professor Anderson Zalewski Vargas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS) e (direita) Professora Katia Maria Paim Pozzer (UFRGS).³

hiperlink para o vídeo a entrevista <https://youtu.be/Ye-sFTBNpFQ>

Revista Heródoto (Katia Maria Paim Pozzer): Esta é mais uma entrevista para a *Revista Heródoto*, nº 4, do ano de 2019, com a temática Recepções da Antiguidade. Eu sou Katia Maria Paim Pozzer, professora do curso de História da Arte do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e

¹ Professor Associado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Professora Adjunta, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ A equipe de alunos responsável pela transcrição e revisão desta entrevista foi composta por Bruno de Oliveira Santos, Erik de Lima Correia, Jemima Novaes Siqueira, Yan Marisca Bizotto, Gleyce Kelly Freire Delmondes e Hanna Késia dos Santos Lima. Os trabalhos de transcrição e revisão da entrevista foram coordenados pelo professor Gilberto da Silva Francisco. Agradecemos Álvaro R. C. Merlo, que gentilmente prestou auxílio técnico para a gravação do vídeo.

docente do programa de pós-graduação em História da mesma universidade. Hoje, temos o prazer de receber o professor Dr. Anderson Zalewski Vargas, do curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente do Programa de Pós-graduação em História. O professor Anderson é um especialista da temática de recepção no mundo antigo e também sobre a retórica do mundo antigo. Professor Anderson, é um prazer recebê-lo aqui.

Vargas: Boa tarde, Katia. Para mim é uma satisfação muito grande ser entrevistado por você e também pela *Revista Heródoto*, que está organizando um dossiê específico sobre as recepções da história, que no Brasil começou recentemente a ser objeto da atenção dos historiadores, não apenas de História Antiga, mas de História em geral no mundo acadêmico brasileiro.

Heródoto: Um convite então à autorreflexão talvez seja uma boa forma de iniciarmos essa entrevista. O professor tem uma longa carreira na Antiguidade e, particularmente, na História da Grécia Antiga, com o estudo sobre a obra de Tucídides especificamente. Eu gostaria que você nos falasse um pouco sobre a sua trajetória de pesquisa acadêmica.

Vargas: Bem, eu acho que tanto eu quanto você, Katia, começamos a nos interessar por Antiguidade no momento que o campo da História Antiga no Brasil não era muito organizado, nem muito bem estabelecido. Então, a minha trajetória é um pouco específica, um pouco particular por causa disso: eu comecei fazendo uma dissertação sobre História do Rio Grande do Sul. É verdade que tem uma união temática entre essa dissertação e o meu estudo da obra de Tucídides, já que a ideia de natureza, que é um dos conceitos básicos da minha dissertação, também é o conceito básico da minha tese de doutorado. Isso também significa que eu sempre tive uma certa preocupação teórica com conceitos. Então, eu realmente não me interessei muito apenas por história específica do Brasil, do Rio Grande do Sul ou da Grécia; mas, interessam-me temáticas que me permitam refletir teoricamente.

Eu estudei a obra de Tucídides, especificamente a ideia de natureza presente na *História da Guerra do Peloponeso*, mas tentando examinar como esse conceito foi utilizado nos relatos de desordem presentes nessa obra. É verdade que eu já a tinha lido no tempo da minha graduação, mas foi uma leitura muito rápida. A leitura do doutorado permitiu-me aprofundar muito, não só em Tucídides, mas em historiografia antiga. Durante o doutorado, eu tinha uma disciplina específica sobre retórica, à qual tempos depois retornei porque, ao estudar retórica antiga,

verifiquei que ela oferece estratégias de análise textual que são muito interessantes.

No caso do mundo antigo, é sabido que os documentos intelectuais gregos e romanos, de forma geral, foram elaborados a partir de preceitos retóricos. Então, a retórica é uma grande chave de análise dessa documentação. E a retórica sempre teve uma preocupação universalista, sempre pretendeu dizer respeito a tudo e a todos, partindo do pressuposto que todos nós tentamos persuadir a terceiros de uma forma ou de outra. Não em todas as situações, mas em algumas situações, especificamente situações-chave. Eu me voltei à retórica procurando entender melhor a documentação e, particularmente, textos intelectualmente elaborados, que é o caso da obra de Tucídides.

A partir do término dessa pesquisa, comecei a me interessar por mito e mitologia, e também pela conceituação de mito e mitologia a partir de Claude Calame, Paul Veyne e Marcel Detienne. Depois disso, retornei à retórica para tentar entender a invocação da Antiguidade na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Já há um certo número de trabalhos que procuram explorar essa presença da Antiguidade na conformação dessa obra; mas, ao mesmo tempo, eu me lembrava de ter visto, em uma exposição sobre a Revolução Farroupilha, *fac-símiles* da imprensa da época com citações em latim, e isso nunca saiu da minha cabeça. Então, eu pensei: bem, eu acho que isso é uma coisa que ninguém ainda explorou, particularmente no campo da historiografia do Rio Grande do Sul.

Depois, porém, constatei que, no campo da historiografia brasileira, isso também não tem sido explorado, porque os colegas da História do Brasil não são especialistas em História Antiga. Em geral, eles pulam por cima das referências dos antigos e ignoram as referências argumentativas. Então, existe um campo muito amplo para nós estudarmos as conexões entre História do Brasil e História Antiga a partir da invocação da Antiguidade. E não é simplesmente uma invocação superficial, não é nem apenas um argumento de autoridade, é uma invocação argumentativa. A História Antiga compõe a argumentação dos brasileiros até praticamente o início da República, porque a formação intelectual dos brasileiros, até então, foi basicamente através dos estudos antigos e através da retórica.

As disciplinas Língua Portuguesa e Literatura começam a ser implantadas com a República. Isso significa que toda a produção intelectual brasileira, do período colonial até a proclamação da República, tem a marca da retórica e tem a marca dos antigos. É a isso que tenho me dedicado nos últimos tempos, eu e alguns alunos que têm também estudado essa temática.

Heródoto: Como historiador da Antiguidade, quais autores e obras mais o influenciaram?

Vargas: Bem, eu não diria “me influenciaram”, mas Tucídides continua sendo uma leitura permanente, assim como Heródoto, Tito Lívio e Plutarco. Eu também aprecio muito os sofistas, particularmente Górgias, tanto o *Tratado do Não-Ser* quanto o *Elogio de Helena*, que são leituras às quais retornei a partir do meu aprofundamento do estudo da retórica. Apesar de, em uma primeira leitura, poder parecer uma historiografia factual, Tucídides é muito mais do que simplesmente o relato de uma guerra, é uma reflexão sobre o humano em uma situação extrema. De certa forma, a obra de Heródoto também é isto, mas com outras particularidades. Eu considero Tucídides como um marco nas minhas leituras e, a partir delas, desenvolvi uma série de outros estudos.

Heródoto: Os gregos, os romanos e nós. Os antigos e os modernos. Os antigos e os contemporâneos. O que a história da Antiguidade tem a nos dizer sobre o presente? A cultura clássica tem algo a nos ensinar para além do lugar e da importância da tradição na história do pensamento ocidental, como você acaba de mencionar?

Vargas: Bem, um dos textos do dossiê da Revista Heródoto é a obra do nosso colega Luís Carlos dos Passos Martins, professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), que avalia as referências à Antiguidade a partir da crise do governo Dilma, partindo da operação da Polícia Federal que chamava “Operação Catilinárias”. Ele mapeou, através de um trabalho metodológico muito interessante de pesquisa no *Google*, as referências à Roma antiga. Ele viu que essas referências, a partir desse período de crise no qual nós estamos ainda hoje, multiplicaram-se significativamente.

Eu notei que o texto de Luís Carlos indica uma apropriação bem mais pobre do que aquela feita pelos brasileiros e portugueses, particularmente no século XIX, o que não surpreende. Eu estive um tempo em Portugal, consultando os jornais e também a produção intelectual portuguesa do início do século XIX, e notei que lá, como no Brasil, a formação dos indivíduos era de tal forma que eles podiam pensar o presente e o futuro com base no que eles achavam que tinha acontecido no passado mais distante, incluindo a Bíblia e, particularmente, gregos e romanos.

Então, eu creio que o que o passado tem a nos dizer depende do nosso interesse. É claro que nós estamos em uma linha que podemos chamar de processo histórico, que tem raízes não só na Grécia e Roma, mas também entre os hebreus; e, através dos hebreus, até o Extremo Oriente, Mesopotâmia e Egito. Por exemplo, a Bíblia foi elaborada nesse universo e nós frequentemente esquecemos que os hebreus fazem parte do Mediterrâneo oriental. Em geral, os consideramos afastados da Grécia e de Roma, mas sabemos que isso é um equívoco analítico, pois, no mundo antigo, não há uma “muralha da China”, separando Grécia e Roma do que nós chamamos de Extremo Oriente.

Apesar de haver diferenças entre as apropriações da Antiguidade nos séculos XIX e XX, creio que vivemos em um mundo que é, de certa forma, herdeiro daquela experiência, mesmo que isso seja involuntário. Mas, esse passado, as respostas que ele pode nos dar, o interesse que pode haver sobre ele, depende das perguntas que nós fazemos a ele. Assim como qualquer passado pode ser interessante, desde que nós voltemos os olhos a ele. Claro que, se fossemos estudar, por exemplo, a civilização do vale do Rio Indo, ela teria bem menos a nos dizer do que estudar a Mesopotâmia, do que estudar o Egito, porque nós temos relações mais estreitas com estas duas histórias.

Eu creio que a Antiguidade, em si, está morta. Ela só vive dependendo do nosso interesse e dependendo da natureza do nosso interesse. Por isso que há níveis nessa apropriação do passado. Na imprensa, quando alguém da Polícia Federal dá o nome “Catilinárias” a uma operação da polícia, é claro que ele tem uma certa compreensão do que foram as Catilinárias. As pessoas que são especialistas em Cícero têm outra muito diversa; então, são apropriações diferentes. Eu creio que, se nós abrirmos os olhos, de certa forma, nós veremos que a Antiguidade ainda está entre nós, em todas as dimensões, mesmo nas mais evidentes como é o caso do cinema.

Heródoto: Como você acaba de mencionar o Oriente, como estudiosa do mundo antigo oriental, está é uma questão muito cara para mim. Assim, eu gostaria de te perguntar se há contribuições acerca da recepção do mundo Antigo Oriental no dossiê da *Revista Heródoto*, como algumas reflexões acerca dessa temática existente atualmente. O mundo antigo oriental está desconectado do nosso mundo hoje?

Vargas: No dossiê da *Revista Heródoto*, há artigos que tratam da recepção da chamada Antiguidade oriental, eu destaco dois artigos de colegas portugueses. Há o dos colegas portugueses José das Candeias Sales e Susana Mota sobre as notícias da imprensa portuguesa quando da descoberta do túmulo de

Tutancâmon. Temos o texto de autoria apenas de Susana Mota, que acho muito interessante, sobre a recepção da Antiguidade no cinema hollywoodiano, particularmente no cinema mudo. Trata, por exemplo, da obra de David W. Griffith, o grande cineasta norte-americano.

Como eu não tinha muito conhecimento do cinema mudo, fiquei surpreso em descobrir o quanto se filmou, a partir, basicamente, do Oriente pelo prisma da Bíblia – sempre pelo prisma da Bíblia –, mas se formos um pouco mais atentos, nós veremos que o cinema contemporâneo não se cansa de abordar, particularmente, a história do Egito. Na verdade, a história mesopotâmica está um pouco menos aquinhoadada com atenção dos cineastas, mas o Egito é, há muito tempo, talvez desde a expedição de Napoleão, o centro de interesse do chamado mundo europeu, e depois do ocidental, de uma forma geral.

Eu reputo esses dois artigos como muito interessantes. Há outros dois textos: um, [de Jorge Elices Ocón], sobre um intelectual árabe [Abū Ūthman ‘Amr ibn Bahr al-Jāhiz] que fez a conexão entre o mundo árabe e o greco-romano já no período posterior à queda de Roma; e também temos um estudo historiográfico [de Ezequiel Martín Parra] sobre a história da Índia. Então, este dossiê é surpreendente; está composto por artigos que se interessam pela recepção da história antiga oriental, que realmente recebe menos atenção da nossa parte, mas que tem muito a nos dizer sobre este passado, sobre a relação que foi feita com esse passado desde a constituição do chamado mundo ocidental.

Heródoto: Temos observado a importância que a obra de Charles Martindale tem assumido para os estudos na área da recepção dos estudos clássicos. Como essa contribuição de Martindale tem sido incorporada nas suas reflexões? Quais frentes teóricas e metodológicas podem ser úteis para os historiadores da Antiguidade, brasileiros particularmente?

Vargas: A História da Recepção é relativamente recente. É uma apropriação da Estética da Recepção que vem lá dos meados dos anos 1970, da área da literatura da Escola de Constança, na Alemanha. Hans-Robert Jauss, Wolfgang Iser e outros autores que se preocupavam em valorizar a figura do leitor no estudo das obras literárias.

A história da recepção é uma apropriação que data do final dos anos 90, porém se estabelece realmente como um campo de estudo a partir dos anos 2000. Então, é relativamente recente e existe uma relativa indistinção, uma certa falta de precisão do que seria realmente a história da recepção, e uma das vantagens que

a obra de Charles Martindale oferece é o objetivo de formular uma teoria da história da recepção, a partir daquela estética, mas não apenas dela. Ele a concilia com a desconstrução francesa, remetendo a outras filosofias; não tem a pretensão de estabelecer uma teoria fechada, mas de oferecer uma compreensão do que poderia ser uma história da recepção.

Como ele se apropria da Estética da Recepção, da filosofia francesa e alemã, existe em sua obra uma reflexão teórica que considero muito interessante, na qual a historiografia está imersa desde os anos 1960. Então, eu creio que, além de ser uma formulação para nós fazermos a história da recepção, pelos seus elementos constituidores, oferece excelente oportunidade de reflexão, porque significa avaliar apropriação que faz de Martins Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Jacques Derrida, e também da escola da estética da recepção. Eu vejo a obra dele positivamente por estes aspectos.

Contudo, ele tem uma visão muito elitista do que deveria ser a história da recepção, porque está interessado apenas em ver o que estudiosos disseram sobre o passado greco-romano. Do meu ponto de vista, acho que podemos ampliar isso para toda e qualquer manifestação na qual a Antiguidade esteja presente, na qual a Antiguidade é invocada, apropriada e recebida. Isso implica o cinema, as notícias da *internet* e também a imprensa, que não são elaborações intelectuais como o da tradição analítica da obra de Tucídides, por exemplo.

No entanto, eu encontrei em um jornal gaúcho de 1830 e alguma coisa, uma paráfrase da obra de Tucídides; assim como encontrei uma paráfrase da obra de Aristóteles; assim como há, em um jornal carioca da mesma época, referência aos sofistas... porque a intelectualidade da época, que era muito restrita, teve uma formação clássica, classicizante. Então, Charles Martindale oferece uma série de pequenos princípios que ajudam a constituir o campo, mas a história da recepção não se restringe a ele, existem diversas outras vertentes; mas eu a considero a mais interessante, porque é a mais acabada, por isso está mais sujeita à análise e desenvolvimento.

Heródoto: Você acabou de mencionar essa presença dos antigos em jornais do século XIX de Porto Alegre, por isso, gostaria que você contasse um pouco sobre suas últimas pesquisas. Você retornou de um pós-doutorado em Lisboa, onde sei que você estudou essa temática.

Vargas: Eu passei o segundo semestre de 2018, na Universidade NOVA de Lisboa, onde eu fui recebido pela professora Maria Helena Trindade Lopes e pelo professor Francisco Caramelo. Como eu sabia que boa parte dos jornalistas

brasileiros, e gaúchos em particular, ou era de origem portuguesa ou teve formação em Portugal, eu queria examinar se, na imprensa lusitana, eu encontraria a mesma situação que havia encontrado na brasileira.

Realmente, há muitos paralelismos, particularmente na centralidade das figuras de Sólon, Pisístrato, Licurgo e Rômulo. Não só nos jornais, mas também nos discursos dos congressistas portugueses, assim como nos discursos dos congressistas brasileiros do século XIX, a reflexão sobre política frequentemente era feita com base naquilo que, segundo eles, teria acontecido na Grécia, na época de Sólon, Pisístrato, Licurgo e, em Roma, na época de Rômulo. Então, eu verifiquei não só uma situação análoga de apropriação, mas que alguns intelectuais, que eram lidos no Brasil, também eram lidos em Portugal.

A pessoa, ao elaborar alguma ideia sobre o presente a partir da Antiguidade, não precisa ler os antigos, ela pode ler outros filósofos, ela pode ler enciclopédias. As matérias podiam ser simplesmente reproduzidas; então, havia várias fontes pelas quais a Antiguidade poderia ser mobilizada para pensar o presente daquela época. Mas, tanto em Portugal quanto no Brasil, a Antiguidade era pensada, recebida ou apropriada para pensar o presente e o futuro, tanto aqui quanto lá. Eu constatei que há esse paralelismo nos dois continentes.

Heródoto: Como você mencionou o futuro, eu gostaria, como questão final da entrevista, perguntar sobre as perspectivas para o futuro da história da Antiguidade que você vê atualmente, especialmente no Brasil?

Vargas: Bem, como eu comentei no início, a situação atual de estudos da Antiguidade é muito diferente daquela do final dos anos 80, quando nós nos interessamos por ela. Hoje em dia, existem professores espalhados pelo Brasil inteiro, tanto da área de História, quanto da área de Letras e Filosofia, para não falar de Direito. Então, nós temos vários profissionais que são professores universitários, e esses indivíduos trabalham na pós-graduação, eles orientam na graduação, orientam na pós-graduação. Há mais de uma associação que se dedica ao estudo da História Antiga, nós podemos falar da SBEC, Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos; do Grupo de Trabalho (GT) de História Antiga da Associação Nacional de Professores de História (ANPUH), que tem vários núcleos pelo Brasil. Nós podemos falar da Sociedade Brasileira de Retórica (SBR), que não se restringe ao mundo antigo, mas inclui também a retórica antiga. Então, eu vejo com muitíssimos bons olhos o trabalho acadêmico.

Desde que, é claro, não aconteça algum apocalipse intelectual, que pode ocorrer, eu vejo com ótimos olhos o cenário, porque nós temos uma formação, hoje em dia, já estabelecida. Nós temos intercâmbio; não só nós vamos ao exterior, mas nós recebemos pesquisadores e os nossos alunos vão para o exterior. Nós temos acesso, via *internet*, a praticamente toda produção acadêmica a respeito do mundo antigo. Nós temos fontes antigas na *internet*. Nós temos instrumentos que nos permitem traduzir grego, latim, hebraico, acadiano, que é uma coisa bem mais difícil. E nós temos, cada vez mais, instrumentos e pessoal para produzir um conhecimento de ótima qualidade. Se não acontecer nada de surpreendente, se a universidade continuar existindo de uma forma razoável, eu vejo com ótimos olhos o futuro da nossa área.

Heródoto: Eu gostaria de agradecer, mais uma vez, o professor Anderson pela disponibilidade e por nos conceder essa entrevista. Aproveito para convidar a todos para acessar o *site* da *Revista Heródoto* e observar esse dossiê organizado pelo professor Vargas.

Vargas: Eu que agradeço, Kátia. Agradeço aos colegas da *Revista Heródoto* e reitero o convite para conferir, não só este número, mas os anteriores e os futuros da *Revista Heródoto*.